

MASTITE AMBIENTAL

SZIMANSKI, Emanuely Tangriane
LORENÇATTO, Otávio
GUERIOS, Euler Marcio

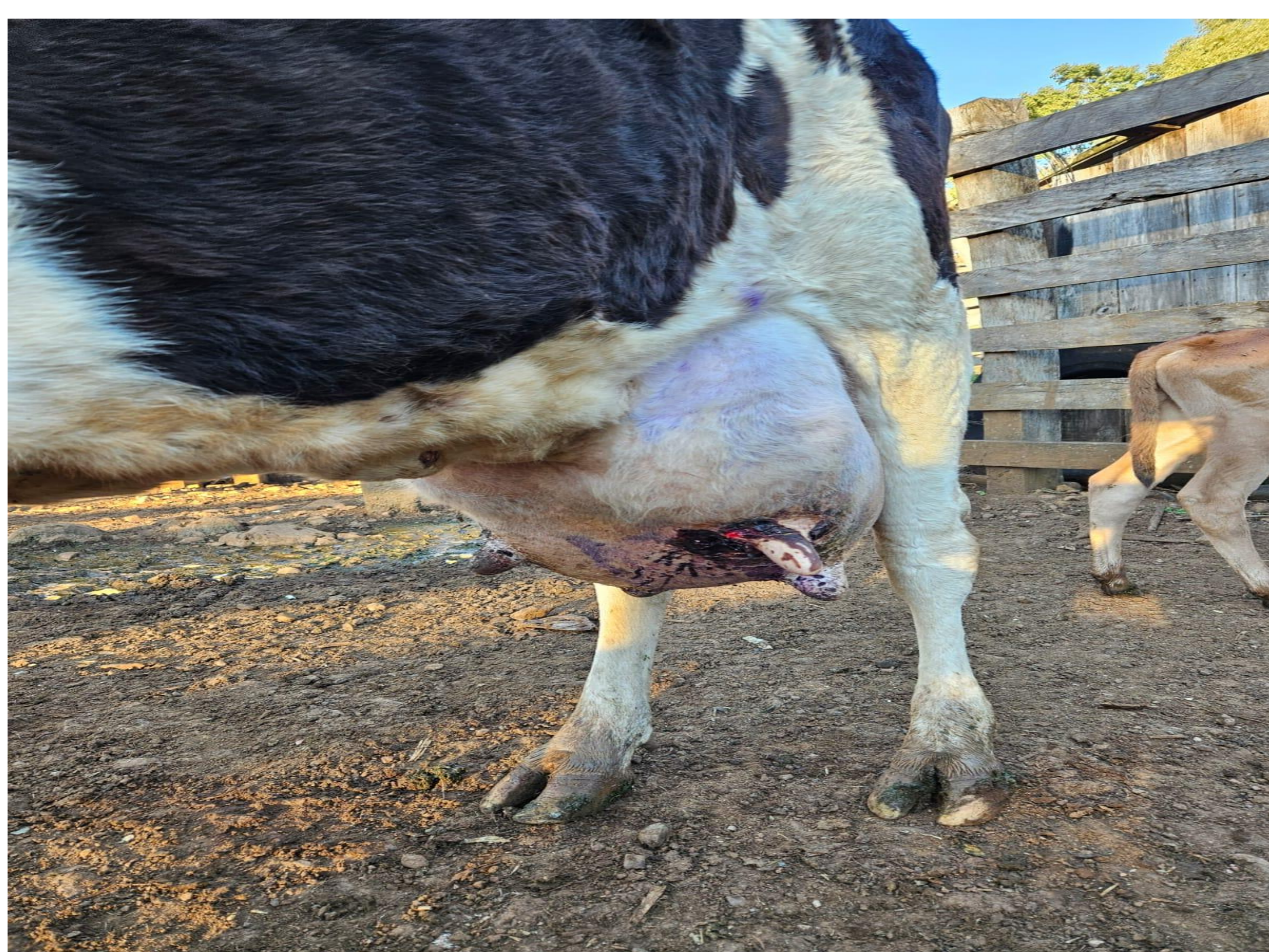
INTRODUÇÃO

A mastite, ou mastite em vacas, é uma patologia que afeta a produção leiteira em todo o país. Ela corresponde a uma inflamação da glândula mamária. Que causa graves problemas como: perda na produção do leite, com uma péssima qualidade do mesmo e além do desgaste do animal em casos mais graves até mesmo a perda do mesmo. A sua manifestação pode ser de forma clínica ou subclínica em decorrência do patógeno sendo ele contagiosa ou ambiental.

DESENVOLVIMENTO

Nas mastites ambientais, os patógenos estão no ambiente, a contaminação normalmente acontece nos intervalos de ordenha ou em períodos de secagem, é mais comum a patogenicidade da doença aparecer de forma clínica, tendo como características notáveis no momento da ordenha, a presença de secreção purulenta de cor amarelada, grumos e em casos mais agravados até a secreção de sangue. No úbere da vaca vai ser visível a presença de edema, endurecimento, aumento da temperatura e dor na hora palpação, o animal também vai apresentar sinais sistêmicos como febre, perda de apetite e em casos graves podendo levar a morte do animal (PRESTES et al., 2003).

Essa infecção pode ser prevenida principalmente com medidas de higiene como: limpeza dos tetos antes da ordenha e realizar o teste da caneca de fundo preto, que consiste em verificar os três primeiros jatos de leite de cada teto, observando se há alguma alteração no leite, como presença de grumos ou sangue antes de ordenhar. A desinfecção do teto após a ordenha é feita com o uso do pós dipping que gera uma camada de proteção impedindo que microrganismos adentrem no esfíncter do teto aberto.



(FONTE, Arquivo pessoal,2025)

Outra medida positiva é fazer o arraçoamento dos animais após a ordenha, desta forma eles não iram se deitar diretamente após ordenha e o esfíncter do teto ira ter tempo de se fechar. Além disso o monitoramento regular do aparelho de ordenha . Ainda como forma de prevenção é importante manter o ambiente limpo, seco e estimular a resposta imune das vacas com a vacinação. (BRADLEY, 2002).

De forma geral, o tratamento da mastite clínica deve ser iniciado o mais rápido possível, utilizando antimicrobianos de amplo espectro, administrados por via intramamária durante a lactação, com eficácia tanto contra bactérias Gram-positivas quanto Gram-negativas. É recomendável considerar os resultados do monitoramento do perfil de sensibilidade dos antimicrobianos empregados na propriedade, mesmo que, em alguns casos, a resposta in vitro não corresponda totalmente à resposta in vivo. Nos quadros mais graves, com sinais de septicemia, pode ser necessário associar o tratamento sistêmico com o mesmo princípio ativo, além de realizar a reposição de líquidos e eletrólitos. O tratamento deve ser mantido por, no mínimo, três dias, estendendo-se por 24 horas após o desaparecimento dos sintomas, uma vez que muitas vezes ocorre apenas a cura clínica, sem a eliminação completa do agente infeccioso, o que pode favorecer recidivas (Ribeiro et al. 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após nosso trabalho de pesquisa foi comprovado que a mastite ambiental representa um importante desafio para a bovinocultura leiteira, exigindo estratégias eficazes de manejo e higiene para reduzir sua ocorrência. A prevenção, por meio de boas práticas na ordenha, manutenção adequada das instalações e monitoramento constante da qualidade do leite, é fundamental para minimizar prejuízos econômicos e garantir o bem-estar animal. A conscientização dos produtores e a aplicação de medidas integradas são essenciais para o controle sustentável dessa enfermidade.

REFERÊNCIAS

- BRADLEY, A. J. Bovine mastitis: an evolving disease. The Veterinary Journal, v. 164, n. 2, p. 116-128, Sept. 2002. DOI: 10.1053/tvj.2002.0724.
- PRESTES, D. S.; FILAPPI, A.; CECIM, M. Susceptibilidade à mastite: fatores que a influenciam – uma revisão. Revista da Faculdade de Zootecnia, Veterinária e Agronomia, v. 9, n. 1, p. 48-59, 2003.
- Ribeiro M.G., Langoni H. , Domingues P.F. & Pantoja J.C.F. 2016. Mastite em animais domésticos, p.1155-1205. In: Megid J., Ribeiro M.G. & Paes A.C. (Eds), Doenças Infecciosas em Animais de Produção e de Companhia. Roca, Riode Janeiro.

